



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

# Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de  
Estudos Acadêmicos

## Características da Experiência de Discriminação Racial entre Estudantes Universitários

Characteristics of the Experience of Racial Discrimination among University Students

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1007

ARK: 57118/JRG.v7i14.1007

Recebido: 27/03/2024 | Aceito: 18/04/2024 | Publicado on-line: 22/04/2024

### Eliany Nazaré Oliveira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6408-7243>

<http://lattes.cnpq.br/9795597292263465>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

E-mail: elianyy@gmail.com

### Paulo Jorge de Almeida Pereira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-3941-8274>

<http://lattes.cnpq.br/5207515122882602>

Universidade Católica Portuguesa, Viseu, Portugal

E-mail: ppereira@ucp.pt

### Paulo Cesar de Almeida<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2867-802X>

<http://lattes.cnpq.br/0684792466689450>

Docente da Universidade Estadual do Cea, Fortaleza, CE, Brasil

E-mail: pc2015almeida@gmail.com

### Ana Beatryz dos Santos Costa<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-3816-0099>

<http://lattes.cnpq.br/2532847634267182>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

E-mail: anabeatrizmasso@gmail.com

### Gleisson Ferrera Lima<sup>5</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5465-2675>

<http://lattes.cnpq.br/1908383412940271>

Universidade Federal do Ceará, Sobral, CE, Brasil

E-mail: gleisson\_nega@hotmail.com

### Vitória Kethly Farrapo da Silva<sup>6</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0997-8446>

<http://lattes.cnpq.br/9289602270025967>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

E-mail: vitoriakethly123@hotmail.com



<sup>1</sup> Graduando(a) em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará Pós Doutorado Pela Universidade do Porto. Portugal.

<sup>2</sup> Graduado(a) em Engenharia Química pela Universidade Nova de Lisboa; Doutorado em Química pela Universidade Nova de Lisboa. Portugal.

<sup>3</sup> Graduado(a) em Estatística pela Universidade Federal do Ceará; Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. Brasil

<sup>4</sup> Graduanda (a) em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará, Brasil.

<sup>5</sup> Graduado(a) em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; Mestrando(a) em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará, Sobral, Ceará Brasil.

<sup>6</sup> Graduanda (a) em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará, Brasil.

## Resumo

Objetivou-se analisar a experiência de discriminação racial sofrida por estudantes universitários. Estudo exploratório, descritivo e transversal, com abordagem quantitativa, com 751 participantes. Realizado em cinco instituições públicas e privadas de ensino superior do estado do Ceará, Brasil, de setembro a dezembro de 2023. O instrumento utilizado foi a Escala de Experiências de Discriminação Racial e o questionário do perfil sociodemográfico. A identificação e abordagem para pesquisa aconteceu de forma on-line e presencial. Destacaram-se, como maioria, participantes do sexo feminino, 52,5%; com idade média de 22,8; com predominância da raça parda, 58,5%; com renda familiar de um a dois salários-mínimos, 36,9%; e a religião católica com predominância de 59,4%. Com relação ao tratamento injusto relacionado à discriminação racial, observou-se que os participantes afirmaram tomarem alguma atitude ao serem tratados injustamente, como, por exemplo, falavam com outras pessoas. Em relação a sentir-se tratado injustamente e tentar fazer alguma coisa sobre isso, apenas 24,7% da população preta faziam alguma coisa contra isso, em contrapartida, 21,5% guardavam esse tipo de tratamento para si. Além disso, as experiências de discriminação racial por raça em estudantes universitários ressaltaram que 81,7% da população preta já sofreu com discriminação. Observaram-se as preocupações em torno da discriminação racial por raça entre os estudantes, com cerca de 80,6%, no último ano, com 91,4% que prestaram preocupação com o grupo racial e 90,3% que demonstraram autopreocupação ao tratamento injusto. Ademais, 4,3% da população preta já prestou queixa policial, em contrapartida, 95,7% da população preta nunca prestou queixa, fato que demonstra que ainda, atualmente, existem grandes vulnerabilidades vivenciadas, a partir da discriminação racial entre estudantes universitários.

**Palavras-chave:** Estudante universitário. Instituições. Discriminação racial. Raça. Experiências de vida.

## Abstract

*The aim was to analyze the experience of racial discrimination suffered by university students. This is an exploratory, descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach and 751 participants. It was carried out in five public and private higher education institutions in the state of Ceará, Brazil, from September to December 2023. The instrument used was the Scale of Experiences of Racial Discrimination and the sociodemographic profile questionnaire. The identification and approach to the research took place online and in person. The majority of the participants were female, 52.5%; with an average age of 22.8; with a predominance of brown people, 58.5%; with a family income of one to two minimum wages, 36.9%; and the Catholic religion predominated, 59.4%. With regard to unfair treatment related to racial discrimination, it was observed that the participants said they took some action when they were treated unfairly, such as talking to other people. With regard to feeling unfairly treated and trying to do something about it, only 24.7% of the black population did something about it, while 21.5% kept this kind of treatment to themselves. In addition, experiences of racial discrimination among university students showed that 81.7% of the black population had experienced discrimination. Concerns about racial discrimination among students were observed at around 80.6% in the last year, with 91.4% expressing concern about the racial group and 90.3% showing self-concern about unfair treatment. In addition, 4.3% of the black population has already filed a police complaint, while 95.7% of the black population has never filed a complaint, a fact that*

*shows that there are still major vulnerabilities currently experienced as a result of racial discrimination among university students.*

**Keywords:** *University student. Institutions. Racial discrimination. Race. Life experiences.*

## 1. Introdução

O racismo ensinou o mundo a pensar dentro de uma lógica vital hierárquica. A raça é uma espécie de agenciamento da espécie humana, que se expressa no mundo moderno e divide a experiência humana em mundos. Em algum momento da história moderna, a raça passa por uma espécie de legitimação da natureza (Gonçalves, 2018).

Mediante a essa explanação, o conceito de raça e o fenômeno do racismo estão presentes e difundidos nas mais diversas experiências da vida social dos brasileiros, nas distribuições de recursos e poder, nas identidades coletivas, nas formas culturais e nos sistemas de significação, e no conteúdo e na organização das experiências pessoais. Entretanto, não deixaram de ser tabu, circulando sob diferentes formas discursivas de apaziguamento, apagamento ou negação dos conflitos, que atingem consideravelmente os estudantes negros de todas as idades (Carone; Bento, 2018; Winant, 2019).

Nessa perspectiva, os estudos de Telles (2018) relatam que, embora diferentes pesquisas atuais apontem de forma consensual ser a aparência o critério para classificação racial predominante no Brasil, há diversidade de formas relacionadas às categorias de cor e raça que os brasileiros usam para interpretar a aparência dos sujeitos e, também, a si próprios.

Ademais, temas como a discriminação racial, resíduos, forma contemporânea e racismo foram, ao longo dos anos, negligenciados nos estudos de gestão (Araújo; Carneiro, 2020), na medida em que, ao excluir o “outro”, não euro-estadunidense, da produção de um conhecimento de qualidade, passou a limitar a capacidade de produção de um pensamento científico, válido e universalizável ao homem branco-europeu-masculino-heterossexual (Jammulamadaka *et al.*, 2021).

Desse modo, os relatos de estudantes negros no aspecto acadêmico e os primeiros trabalhos sobre as experiências de discriminação racial abordaram em larga medida os comportamentos racistas dentro das universidades, em detrimento de outras formas de tratamento injusto baseadas, por exemplo, em ideias com conteúdo sexista ou classista, bem como as possíveis inter-relações (Krieger, 2000).

Nessa análise, quando se tratam de questões e impactos do racismo estrutural nas universidades, McCluney *et al.* (2018) reforçam que a raça molda poderosamente as oportunidades ocupacionais por meio do racismo estrutural, inicialmente, com políticas e, em seguida, com práticas tecidas, de fato, nas instituições do mercado de trabalho.

Atualmente, apesar de os negros serem maioria no ensino superior, por exemplo, chegando a 50,3%, no ano de 2018 (Petruccelli; Saboia, 2018), essa superioridade numérica não se mostra no mercado de trabalho, sobretudo, nas posições de liderança.

Em uma sociedade complexa, diferenciada e competitiva, o combate a todas as formas de discriminação e racismo consiste primordialmente em exigir a aplicação de critérios universalistas todas as vezes em que for necessário estabelecer seleção para qualquer emprego, cargo, função ou posição social e em exigir o respeito a padrões universais de respeito à dignidade das pessoas (Henriques, 2019).

Ademais, o racismo, que oprime e paralisa o estudante negro, é fruto de uma condição sub-humana que o colonialismo impôs durante anos e que naturaliza, de forma estruturada, os mecanismos de discriminação (Bernardino-Costa *et al.*, 2021).

Desse modo, objetivou-se apresentar as características da experiência de discriminação racial entre estudantes universitários.

## 2. Metodologia

Trata-se de estudo exploratório, descritivo e transversal, com abordagem quantitativa. Assim, estudos transversais são caracterizados por meio da exposição ao fator ou causa, está presente com o efeito em um grupo de pessoas, no mesmo intervalo de tempo analisado. Deste modo, estes possibilitam produzir informações sobre a frequência ou prevalência de uma doença ou fatores de risco em determinado tempo, bem como realizar associações entre a variável desfecho e as covariáveis (Polit; Beck, 2019; Rouquayrol; Gurgel, 2018).

O estudo foi realizado em cinco instituições públicas e privadas de ensino superior do estado do Ceará, de 23 de setembro a 16 de dezembro de 2023. As instituições foram as seguintes: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Faculdade Luciano Feijão (FLF), Faculdade 05 de Julho (F5) e Faculdade IEducare (FIED). A amostra foi composta por 751 estudantes regularmente matriculados no período da pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: estar com matrícula ativa, em um curso superior, em uma das cinco instituições; possuir idade igual ou maior de 18 anos; e ter concluído de forma completa o instrumento de coleta de dados.

A coleta de dados da pesquisa contou com método de divulgação bastante dinâmico, com a confecção de blusas e copos com frases que abordavam o objetivo principal da pesquisa, a discriminação racial dentro das universidades. Ademais, utilizaram-se das redes sociais, Instagram e WhatsApp para propagação de informações sobre a pesquisa, com o fito de engajar mais ainda o público.

De início, ocorreu reunião presencial com todas as instituições que estavam participando da pesquisa, com objetivo de explicar a pesquisa e como ocorreria a coleta de dados. Com isso, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e a Universidade Federal do Ceará (UFC) Campus Sobral disponibilizaram os e-mails dos respectivos alunos de todos os cursos de graduação, facilitando, assim, o envio do convite para participação na pesquisa.

A coleta de dados iniciou-se, primeiramente, de modo online. O instrumento foi composto por questionário sociodemográfico e pela Escala de Experiência de Discriminação Racial disponibilizado no Google Forms. Após a leitura do TCLE na plataforma, o estudante poderia aceitar ou recusar responder ao inquérito, assim seria garantida a autonomia (Brasil, 2012).

No segundo momento, a coleta de dados também foi realizada de forma presencial, com a ida dos bolsistas até os campus das instituições. Assim, acordaram-se, anteriormente, com os coordenadores e professores dos cursos, os dias e horários disponíveis para aplicação do instrumento dentro das salas de aulas, com apoio dos professores, antes ou no final das aulas, nos Restaurantes Universitários (RU) e nos espaços de convivência. Com isso, houve o contato direto e efetivo com cada estudante, como também, ao final do preenchimento do instrumento, ocorria sorteio de blusas e copos entre os participantes.

## 2.1 Análise estatística

Em relação ao instrumento, este foi composto por questionário sobre o perfil sociodemográfico com as seguintes variáveis: sexo, estado civil, cor/raça, religião, renda familiar e a Escala de Experiências de Discriminação Racial, instrumento que permite mensurar experiências discriminatórias com base em etnia, raça ou cor da pele, publicada, primeiramente, em 1990, no estudo Coronary Artery Risk Development in Young Adults (CARDIA), e, posteriormente, reformulada e revalidada para população norte-americana (Krieger, 1999).

O instrumento é dividido em cinco categorias: resposta a tratamento injusto; discriminação; preocupação; questões globais; e queixa apresentada. A Escala apresenta alta confiabilidade (avaliada pelo coeficiente alfa de Cronbach igual ou maior que 0,74, e coeficiente teste-reteste igual a 0,70) e validade (constatada pela mais alta correlação com construto de discriminação basal, em comparação com outros instrumentos de aferição de experiências discriminatórias) (Fattore *et al.*, 2016).

Para os dados sociodemográficos, utilizou-se da estatística descritiva simples. E para relacionar as dimensões da Escala de Experiência de Discriminação Racial: resposta a tratamento injusto, discriminação, preocupação e queixa apresentada com a variável cor/raça, aplicou-se o teste do Qui-quadrado, o qual analisa estatisticamente hipóteses de associação, como também serve para estudar a relação entre variáveis qualitativas (Maroco, 2011).

## 2.2 Aspectos Éticos

Este estudo foi orientado pela Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, a qual incorpora os cinco referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, visando garantir os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (Sanches; Meireles; Sordi, 2011).

Os dados apresentados neste artigo fazem parte do estudo mais amplo intitulado: Discriminação Racial e Saúde Mental nas Universidades. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), conforme parecer nº 6.279.258.

## 3. Resultados

Na Tabela 1, evidencia-se a análise descritiva simples, que demonstra os fatores sociodemográficos analisados, nestes, identificam-se as variáveis relacionadas ao gênero, à idade, raça, situação civil, renda familiar e religião.

**Tabela 1** - Perfil sociodemográfico dos estudantes do ensino superior do Ceará.

Variáveis		N	%
1 Gênero	Feminino	394	52,5
	Masculino	350	46,6
	Não binário	4	0,5
	Prefiro não me identificar	3	0,4
2 Idade M=22,8 DP=5,02 Min=18 Max=64 (2 valores omissos)	18 ou 19	165	22,0
	20 ou 21	188	25,1
	22 ou 23	183	24,4
	24 ou 25	94	12,6
	26 a 30	71	9,5
	Mais de 30	48	6,4

3 Raça	Parda	439	58,5
	Preta	93	12,4
	Branca	209	27,8
	Amarela	10	1,3
4 Situação civil	Solteiro	666	88,7
	Casado	48	6,4
	União estável	35	4,7
	Viúvo	2	0,3
6 Renda Familiar	menos de um salário-mínimo	168	22,4
	meio a um salário-mínimo	146	19,4
	de 1 a 2 salários-mínimos	277	36,9
	de 2 a 5 salários-mínimos	120	16,0
	mais de 5 salários-mínimos	40	5,3
7 Qual a sua religião?	Católica	446	59,4
	Evangélica	88	11,7
	Espírita	10	1,3
	Umbanda	10	1,3
	Candomblé	1	0,1
	Ateu	37	4,9
	Não tenho religião	135	18,0
	Outras Religiões	24	3,2
	Total	751	100,0

Dessa forma, o fator gênero é um dos parâmetros analisados para reconhecer os participantes pela identidade pessoal, sendo observada maioria feminina, sobressaindo-se do gênero masculino, não binário e com preferência para não identificação. O parâmetro idade demonstra a idade média é 22,8, sendo analisado que os participantes são compostos pela população de jovens adultos, na tabela, apresenta também a idade mínima de 18 anos e máxima de 64 anos, assim sendo contemplados um dos critérios de inclusão da pesquisa.

A pesquisa traz também a variável raça, na qual a população parda foi a que apresentou maior número, ficando a cor branca em segundo lugar, a preta em terceiro e a amarela, em última posição.

Sobre o fator situação civil, a amostra contou com maior predomínio a população solteira, com percentual de 88,7%, em diferença à população casada, com 6,4%; união estável, 4,7%; e viúva, com apenas 0,3%. Ademais, em relação à variável renda familiar, a amostra contou com o valor de um a dois salários-mínimos, com proeminência em relação aos outros números. Assim, observa-se como a renda pode ser fator intrigante para se analisar como a situação dessa população está interligada com a discriminação racial sofrida.

Concernente à religião da população de estudo, a católica obteve maior concentração, com 59,4%; em não tenho religião, com 135 respostas; a evangélica, com 11,7%; a espírita e a umbanda, cada uma com 10 respostas; o ateísmo, com 4,9%; outras religiões, com 24 respostas; e o candomblé contou com apenas o valor percentual de 0,1%.

A Tabela 2 apresenta as respostas ao tratamento injustos em relação à raça dos estudantes universitários.

**Tabela 2** - Apresentação das respostas ao tratamento injustos em relação à raça dos estudantes universitários.

Resposta ao tratamento injusto	Parda (N=439)		Preta (N=93)		Branca (N=209)		Amarela (N=10)		X <sup>2</sup> <sub>3</sub>	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
I) Se você sente que está sendo tratado injustamente, você, geralmente:									1,371	0,712
a) Aceita isto como um fato da vida	106	24,1	23	24,7	54	25,8	1	10,0		
b) Tenta fazer alguma coisa contra isto	333	75,9	70	75,3	155	74,2	9	90,0		
II) Se você está sendo tratado injustamente, você, geralmente:									4,259	0,235
a) Fala com outras pessoas sobre isto	338	77,0	73	78,5	162	77,5	5	50,0		
b) Guarda isto consigo mesmo	101	23,0	20	21,5	47	22,5	5	50,0		

\* p&lt;0,05

\*\* p&lt;0,01

\*\*\* p&lt;0,001

No tocante à resposta ao tratamento injusto, constatou-se que, na resposta: “aceita isto como fato da vida”, a população parda e preta contaram com a porcentagem de 24,1% e 24,7%, respectivamente; a branca, com 25,8%; e a amarela, com 10,0%, e com o desvio padrão de 0,712. E, na resposta: tenta fazer alguma coisa contra isso, a população parda e preta contaram com a porcentagem de 75,9% e 75,3%, respectivamente; a branca, com 74,2%; e a amarela, com 90,0%, e com o desvio padrão de 0,712.

Na segunda parte: “se você está sendo tratado injustamente, você, geralmente”, a resposta: “fala com outras pessoas sobre isso” contou com 338 (77,0%) de respostas da população parda; 78,5% da população negra; 77,5% da população branca; e 50,0% da população amarela. E na resposta: “guarda isto consigo mesmo”, 23,0% foi da população parda; 21,5% da preta; 22,5% da branca; e 50,0% da amarela.

Além disso, com a utilização do teste do Qui-Quadrado, o desvio padrão nos valores de 0,712 e 0,235 demonstraram que a amostra não obteve significância estatística (p<0,05) e concluiu-se que as variáveis não apresentaram associação.

Na Tabela 3, expõe-se a experiência de discriminação racial por raça entre estudantes universitários.

**Tabela 3** - Experiência de Discriminação Racial por raça em estudantes universitários.

Discriminação	Parda (N=439)		Preta (N=93)		Branca (N=209)		Amarela (N=10)		X <sup>2</sup> <sub>3</sub>	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
... sofreu a experiência de discriminação, ... por causa da sua raça, etnia ou cor?									160,75	***
Não	303	69,0	17	18,3	191	91,4	7	70,0	5	0,000
Sim	136	31,0	76	81,7	18	8,6	3	30,0		

a) Na escola									111,55	***
baixa exposição	293	66,7	26	28,0	186	89,0	6	60,0	8	0,000
alta exposição	146	33,3	67	72,0	23	11,0	4	40,0		
b) Ao procurar emprego									79,406	***
baixa exposição	393	89,5	58	62,4	204	97,6	9	90,0		0,000
alta exposição	46	10,5	35	37,6	5	2,4	1	10,0		
c) No trabalho									66,516	***
baixa exposição	391	89,1	60	64,5	202	96,7	10	100,0		0,000
alta exposição	48	10,9	33	35,5	7	3,3	0	0,0		
d) Ao comprar uma casa									10,552	*
baixa exposição	427	97,3	86	92,5	207	99,0	10	100,0		0,014
alta exposição	12	2,7	7	7,5	2	1,0	0	0,0		
e) Procurando cuidados médicos									68,030	***
baixa exposição	411	93,6	67	72,0	206	98,6	10	100,0		0,000
alta exposição	28	6,4	26	28,0	3	1,4	0	0,0		
f) Solicitando serviço em loja ou restaurante									153,51	***
baixa exposição	363	82,7	34	36,6	201	96,2	10	100,0	0	0,000
alta exposição	76	17,3	59	63,4	8	3,8	0	0,0		
g) Ao pedir crédito ou empréstimo bancário									9,589	*
baixa exposição	419	95,4	87	93,5	208	99,5	10	100,0		0,022
alta exposição	20	4,6	6	6,5	1	0,5	0	0,0		
h) Na rua ou em estabelecimento público									155,31	***
baixa exposição	341	77,7	27	29,0	198	94,7	8	80,0	6	0,000
alta exposição	98	22,3	66	71,0	11	5,3	2	20,0		
i) Pela Polícia ou no Fórum									86,561	***
baixa exposição	412	93,8	63	67,7	205	98,1	10	100,0		0,000
alta exposição	27	6,2	30	32,3	4	1,9	0	0,0		

\* p&lt;0,05

\*\* p&lt;0,01

\*\*\* p&lt;0,001

Na abordagem da experiência de discriminação racial por locais, a população preta, no âmbito escolar, obteve o maior valor, com 72,0% de alta exposição, seguido pela população parda, com 33,3%. Ao procurar emprego, com 37,6%, em contrapartida com a população branca, com apenas 2,4%. No trabalho, a população preta, parda, branca e amarela obtiveram 10,9%, 35,5%, 3,3% e 0,0%, respectivamente.

Ademais, ao comprar uma casa, procurando por cuidados médicos, solicitando serviço em loja e restaurante, ao pedir crédito ou empréstimo bancário, na rua ou em estabelecimento público, pela polícia ou no fórum, a população preta obteve a maior porcentagem de respostas para alta exposição à experiência de discriminação racial.

Com isso, na Tabela 3, o teste do Qui-Quadrado demonstrou significância estatística (p<0,05) em todas as dimensões e concluiu-se que as variáveis estiveram relacionadas.



A Tabela 4 aborda sobre a exposição das preocupações relacionadas à discriminação racial por raça entre estudantes universitários.

**Tabela 4** - Exposição das preocupações relacionadas à discriminação racial por raça entre estudantes universitários.

Preocupações	Parda (N=439)		Preta (N=93)		Branca (N=209)		Amarela (N=10)		X <sup>2</sup> <sub>3</sub>	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
a) Quando você era criança ou adolescente (menor de 18 anos), você se preocupava com as pessoas do seu grupo racial por serem tratadas injustamente por causa da raça ou cor da pele?									41,819	*** 0,000
baixa exposição	144	32,8	18	19,4	113	54,1	4	40,0		
alta exposição	295	67,2	75	80,6	96	45,9	6	60,0		
b) No último ano, você se preocupou com as pessoas do seu grupo racial por serem tratadas injustamente por causa da raça ou cor da pele?									68,913	*** 0,000
baixa exposição	111	25,3	8	8,6	107	51,2	3	30,0		
alta exposição	328	74,7	85	91,4	102	48,8	7	70,0		
c) No último ano, você se preocupou com experiências de tratamento injusto por causa da sua raça ou cor da sua pele?									99,221	*** 0,000
baixa exposição	177	40,3	9	9,7	144	68,9	5	50,0		
alta exposição	262	59,7	84	90,3	65	31,1	5	50,0		

\* p<0,05

\*\* p<0,01

\*\*\* p<0,001

Na Tabela 4, o teste do Qui-Quadrado demonstrou significância estatística (p<0,05) em todas as dimensões e concluiu-se que as variáveis apresentaram associação.

Desse modo, mediante os resultados da Tabela 4, o nível de preocupação em relação a: “quando você era criança ou adolescente (menor de 18 anos), você se preocupava com as pessoas do seu grupo racial por serem tratadas injustamente por causa da raça ou cor da pele”, a população preta apresentou o maior valor com alta exposição de 80,6%, em detrimento às outras raças. A parda com 67,2%; a branca, 45,9%; e a amarela, 60,0%.

No quesito: “no último ano, você se preocupou com as pessoas do seu grupo racial por serem tratadas injustamente por causa da raça ou cor da pele”. A população preta apresentou em alta exposição 91,4% mais relevante do que a população branca, com 48,8%.

Ademais, na variável: “no último ano, você se preocupou com experiências de tratamento injusto por causa da sua raça ou cor da sua pele”, a população preta e parda obtiveram 90,3% e 59,7%, respectivamente, em alta exposição, enquanto a população branca e amarela atingiram 65 e 5 respostas.

A Tabela 5 aborda as respostas à discriminação racial por raça em relação à apresentação da queixa policial entre estudantes universitários.

**Tabela 5** - Resposta à discriminação racial por raça em relação à apresentação da queixa policial entre estudantes universitários.

Queixa apresentada	Parda (N=439)		Preta (N=93)		Branca (N=209)		Amarela (N=10)		X <sup>2</sup> <sub>3</sub>	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
	Alguma vez você prestou queixa por causa de discriminação racial?									
Não	436	99,3	89	95,7	207	99,0	9	90,0	13,588	** 0,004
Sim	3	0,7	4	4,3	2	1,0	1	10,0		

\* p<0,05

\*\* p<0,01

\*\*\* p<0,001

Com isso, os resultados expostos destacaram que 4,3% da população preta já prestou queixa policial, em contrapartida, apenas 95,7% da população preta nunca prestou queixa. Com o desvio padrão de 0,004, os resultados apresentaram significância (p<0,05) e as variáveis demonstraram relação entre si, conforme o teste do Qui-Quadrado utilizado.

#### 4. Discussão

Com relação ao gênero predominante desta pesquisa, evidenciou-se maior adesão pelo público feminino, o qual representou 52,5% dos participantes. Nesta perspectiva, o estudo denominado “Racismo e Construção da Carreira: Estratégias de Enfrentamento Adotadas por Universitários Negros” se utilizou de 27 entrevistas semiestruturadas com graduandos (16 do gênero feminino e 11 do gênero masculino), autodeclarados negros, demonstrando, assim, maior participação feminina nas pesquisas quantitativas (Benedito; Fernandes, 2020).

O fator idade ressalta que a amostra juvenil também se assemelha com a de outros trabalhos efetuados com o mesmo público-alvo, uma vez que o estudo de Carrano (2000) afirma que a juventude deve ser compreendida como complexidade variável e os jovens são diferentes porque distintos são os espaços e tempos sociais, considerando, assim, essa faixa etária, como grande leque de representações e afirmações sociais.

Outro fator notório a se considerar é o rendimento familiar. A literatura científica tem evidenciado que estudantes integrantes de famílias que possuem baixa renda financeira, sofreram maior pressão social devido à perda e/ou instabilidade econômica, a qual propicia ambiente mais sujeito à discriminação social e racial (Aylîê; Mekonen; Mekuria, 2020).

Além do mais, no âmbito religioso, os dados sociodemográficos abordam a prevalência do catolicismo, em contrapartida com o candomblé, com apenas uma resposta. Isso mostra que as religiões de origem africana ainda sofrem com retrocesso histórico e grande preconceito por parte da população. Isso reafirma historicamente que as populações submetidas à escravidão e ao genocídio tiveram que elaborar uma série de mecanismos de sobrevivência. E, entre todos os mecanismos de

sobrevivência, a religião foi um dos que mais colaboraram para manter vivas as tradições de origem africana (Eugênio, 2017).

Conforme exposto na Tabela 2, os tratamentos injustos em relação à raça dos estudantes universitários apresentam grande paradigma social, como também grande regresso no âmbito acadêmico. No quesito de sentir-se tratado injustamente e tentar fazer alguma coisa sobre isso, apenas 24,1% e 24,7% da população parda e preta faziam alguma coisa contra isso, em contrapartida, 23,0% e 21,5%, guardavam esse tipo de tratamento para si.

Isso demonstra o que aborda Jesus (2020) que, no Brasil, gira um racismo que é constantemente atualizado, e, com isso, contribui de forma direta com a produção e reprodução de discriminações da população negra, agindo, sobretudo, de modo a inviabilizar e silenciar estas pessoas, ao fazer com que haja silenciamento de quem denuncia práticas racistas e possibilitando a perpetuação dessas atitudes. Entretanto, mesmo diante do silenciamento e da inviabilização de pessoas negras no Brasil, percebeu-se, desde a época colonial, como ocorreram levantes, denúncias e resistências contra a opressão imposta a esta população, como por meio das tradições quilombolas (Miranda, 2012).

Nessa perspectiva, de acordo com a pesquisa intitulada como “A teoria de Cesare Lombroso e sua influência na sociedade brasileira atual: uma análise do racismo velado”, retrata a discriminação racial silenciada, aquela que se faz presente em atos disfarçados e sutis, em que o agressor, muitas vezes, não percebe que está ferindo os direitos e a honra da vítima (Pereira, 2018).

A partir da Tabela 3, as experiências de discriminação racial por raça em estudantes universitários ressaltaram que 81,7% da população preta já sofreu com discriminação. Isso mostra que, mesmo dentro das instituições de ensino superior, a discriminação racial vem sendo questão notória e com necessidade de maior destaque em assuntos sociais. Além do mais, este fato pode ocorrer por conta do ambiente acadêmico proporcionar, de forma mais direta, o tensionamento, a discussão e a reflexão crítica sobre as questões e demandas acerca da realidade das relações raciais no Brasil (Souza, 2022). Outrossim, Guimarães e Pinto (2016) reforçam que entender como as questões raciais são percebidas no ambiente acadêmico é de suma importância, para que o racismo deixe de ser prática comum nas instituições.

Nessa perspectiva, a discriminação racial abordada na Tabela 3 reflete alguns estudos sobre os efeitos do racismo e da discriminação racial na vida de quem sofre ou já sofreu com isso. Desse modo, para Carter *et al.* (2020) e Kirkinis *et al.* (2018), os estudos buscam identificar as correlações da discriminação racial com a saúde física ou mental e os aspectos socioculturais, como identidade racial, autoestima coletiva, socialização racial, sendo que há importante vertente na psicologia que correlaciona as vivências discriminatórias e os traumas psíquicos.

Ainda de acordo com a Tabela 3, os ambientes que a população preta mais sofreu com a discriminação racial foram na escola, em estabelecimentos públicos e solicitando serviços em lojas. Isso mostra que os espaços de maior circulação e convívio público são os que mais propiciam ações discriminatórias (Monteiro; Cecchetto, 2009).

Na Tabela 4, por sua vez, observaram-se as preocupações em torno da discriminação racial por raça entre os estudantes, enfatizando que quando os participantes eram crianças ou menores de 18 anos, preocupavam-se com a discriminação racial no grupo étnico em cerca de 80,6%, no último ano, 91,4% prestaram preocupação com o grupo racial e 90,3% prestaram autopreocupação ao

tratamento injusto. Desta maneira, a preocupação em torno de questões discriminatórias aumentam com o decorrer do tempo, e evidenciam que a temática está sendo mais discutida, a qual se justifica pelas lutas antirracistas que acontecem e aumentam historicamente (Pereira; Lima, 2019).

As preocupações em torno da discriminação racial apresentadas na Tabela 4 se tornaram paradigma na sociedade. Com isso, conforme Almeida (2021), refletir sobre a discriminação racial e as preocupações que giram em torno dessa questão e como as relações sociais afetam a construção do sujeito e os desdobramentos disso, é importante para entender a construção das sociedades modernas e pós-modernas.

De acordo com a Tabela 5, as respostas por discriminação racial evidenciaram que cerca de 4,3% da população preta já prestou queixa, em contrapartida, 95,7% nunca prestaram uma queixa. Esse fato também é abordado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2023), de que os negros no Brasil se queixavam principalmente do insulto racial proferido no âmbito do trabalho, na vida acadêmica e no consumo de bens e serviços, mas que, muitas vezes, sentiam medo de expor, de modo queixoso, esses fatos. Nessa análise, o medo de prestar queixa policial junto de agressões contribui para piores níveis de saúde mental, física e social, o que se agrava quando muitos eventos estressores são percebidos em contextos individuais ou sociais, como é o caso dos insultos verbais ou comportamentais, intencionais ou não, que comunicam ofensas raciais hostis, depreciativas ou negativas a uma pessoa ou a um grupo-alvo (Sousa, 2022).

#### 4. Conclusão

Neste estudo, obteve-se maioria do sexo feminino, 52,5%; com idade média de 22,8; com predominância da raça parda, 58,5%; com renda familiar de 1 a 2 salários-mínimos, 36,9%; e a religião católica com prevalência de 59,4%. Com relação ao tratamento injusto relacionado à discriminação racial, observou-se que os participantes afirmaram alguma atitude ao serem tratados injustamente.

Em relação a sentir-se tratado injustamente e tentar fazer alguma coisa sobre isso, apenas 24,7% dos estudantes faziam alguma coisa contra isso, em contrapartida, 21,5% guardavam esse tipo de tratamento para si. Quanto às experiências de discriminação por raça ou cor, 81,7% os estudantes revelaram ter vivenciado esse fenômeno, no entanto, 95,7% nunca prestou queixa.

As limitações deste estudo estão diretamente relacionadas à escolha do instrumento com características objetivas que impossibilitaram a compreensão dos contextos vivenciados e dos aspectos subjetivos. Nesta perspectiva, sugerem-se outros estudo com abordagem qualitativa para revelar as dimensões contextuais e subjetivas que envolvem o fenômeno da discriminação racial vivenciada por estudantes universitários.

Portanto, as experiências de discriminação racial enfrentada por estudantes universitários pode ser considerada como fenômeno latente e nocivo, ainda pouco discutido na sociedade. Assim, são imprescindíveis ações voltadas ao letramento racial dentro e fora das instituições de ensino superior.

## Referências

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ARAÚJO, C. C. S., & Carneiro, E. S., Jr. (2020). **A Bibliometric Analysis of the Intellectual Structure of Studies on Slavery in the 21st Century**. *International Journal of Professional Business Review*, 5(1), 105-127. Recuperado de <https://doi.org/10.26668/businessreview/2020.v5i1.175>
- AYLIÊ, N. S.; MEKONEN, M. A.; MEKURIA, R. M. The Psychological Impacts of COVID-19 Pandemic Among University Students in BenchSheko Zone, South-west Ethiopia: A Communitybased Cross-sectional Study. **Psychology research and behavior management**, Auckland, v. 13, p. 813-821, 2020.
- BENEDITO, M. S.; Fernandes, M. I. A. Psicologia e racismo: As heranças da clínica psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, p. 1-16, 2020.
- BERNARDINO-COSTA, J., & Borges, A. (2021). **Um Projeto Decolonial Antirracista: Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília**. *Educação & Sociedade*, 42, e253119. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/ES.253119>
- CARONE; Bento, M. A. S. (2018). **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. **Juventude, Educação e Sociedade**, Niterói, n. 1, p. 52-72, 2020.
- CARTER, R. T.; KIRKINIS, K.; JOHNSON, V. E. Relationships between trauma symptoms and race-based traumatic stress. **Traumatology**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 11-18, 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 jun. 2023.
- EUGÊNIO, R. W. **A benção aos mais velhos: poder e senioridade nos terreiros de Candomblé**. Mairiporã: Arole Cultural, 2017.
- FATTORE, G. L. *et al.* Validade de constructo da escala *Experiences of Discrimination* em uma população brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. e00102415, 2016.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **O poder como repressão da sexualidade: uma releitura a partir de Michel Foucault**. *Revista Hegemonia Unieuro* (Brasília), v.2, p. 25-51, 2018.

GUIMARÃES, A. C.; PINTO, J. M. Discriminação racial na escola: Vivências de jovens negros. **Revista Digital de Direito Administrativo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 512-524, 2016.

HENRIQUES, R. **Texto para discussão nº 807 - Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JAMMULAMADAKA, N., Faria, A., Jack, G., & Ruggunan, S. (2021). **Decolonising managementional knowledge (MOK): Praxistical theorising for potential worlds**. *Organization*, 28(5), 717-740. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/13505084211020463>

JESUS, K. V. DE; BENTO DA SILVA, L.; FERREIRA DO NASCIMENTO, R. **A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO E ENFRENTAMENTO DO RACISMO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDOS PRETOS**. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 5, n. 9, p. 66-85, 7 set. 2020.

KIRKINIS K, Pieterse AL, Martin C, Agiliga A, Brownell A. **Racism, racial discrimination, and trauma: a systematic review of the social science literature**. *Ethn Health*. 2021 Apr;26(3):392-412. doi: 10.1080/13557858.2018.1514453. Epub 2018 Aug 30. PMID: 30165756.

KRIEGER, N. Discrimination and health. In: BERKMAN, L. F.; KAWACHI, I. (Eds.). **Social epidemiology**. New York: Oxford University Press, 2000. p.36-75.

KRIEGER, N. **Embodying inequality: a review of concepts, measures and methods for studying health consequences of discrimination**. *International Journal Health Services, Estados Unidos*, v. 29, n. 2, p. 295-352, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.2190/M11W-VWXE-KQM9-G97Q>. Acesso em: 26 fev, 2014.

MAROCO, J. **Análise Estatística com o SPSS Statistics**. 5. ed. [S. l.]: Edições ReportNumber, 2011.

MCCLUNEY, C. L., Schmitz, L. L., Hicken, M. T., & Sonnega, A. (2018, fevereiro). **Structural racism in the workplace: Does perception matter for health inequalities?** *Social Science & Medicine*, 199, 106-114. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2017.05.039>

MONTEIRO, S.; CECCHETO, F. Cor, gênero e classe: dinâmicas da discriminação entre jovens de grupos populares cariocas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p. 301-329, 2009.

MIRANDA, S. A. (2012). **Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências**. *Revista Brasileira de Educação*, 17(50), 369-383.

Acesso em 08 de abril, 2024, em  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a07.pdf>

PEREIRA, A. A.; LIMA, T. C. S. Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, p. 1-30, 2019.

PEREIRA, T. Belo Horizonte: **Tribuna de Minas**, 13 maio 2018. O Racismo Velado. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/opiniaio/tribuna-livre/13-05-2018/racismo-velado.html>. Acesso em: 01 mar. 2024.

PETRUCCELLI, J. L., & Saboia, A. L. (2018). **Características Étnicos-Raciais da População: classificações e identidades**. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; GURGEL, Marcelo. **Rouquayrol: epidemiologia e saúde**. 8. Rio de Janeiro: MedBook, 2018, 719 p.

SANCHES, C.; MEIRELES, M.; SORDI, J. O. Análise qualitativa por meio da lógica paraconsciente: método de interpretação e síntese de informação obtida por escalas likert. *In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, 3., João Pessoa, 2011. **Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, João Pessoa, Brasil.

SILVERIO, D. *et al.* Resistência e denúncia contra o racismo/machismo nas vozes de poetas mulheres negras. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 223-236, 2020.

SOUSA RC de, Barroso SM, Ribeiro ACS. **Aspectos de saúde mental investigados em policiais: uma revisão integrativa**. *Saude soc* [Internet]. 2022;31(2):e201008pt. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022201008pt>

SOUZA Filho EF, Martins E. **Contribuições da teoria histórico-cultural para a compreensão das questões raciais na educação escolar**. *Educ Pesqui* [Internet]. 2022;48:e239195. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239195>

TELLES, E. E. **Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2018.

WINANT, H. **The word is a ghetto: Race and democracy since Word War II**. Nova York: Basic Books, 2019.